

INDI



Brigers

17

21

21



Editora

EMBURRADO!

Sofia steckelberg

Brigers rua 17 casa 21

Quando eu acordei eu estava em tipo um quarto pequeno com apenas uma cadeira e um colchão onde eu estava deitada. O quarto era todo fechado, não havia nem uma janela, tinha apenas uma porta que parecia de ferro.

Na verdade aquele lugar me dava medo, todas as paredes eram de tijolos grandes e cinzas e o lugar era bem apertado, assim que acordei um homem de uns 40 anos, gordo e com uma barba e cabelos com fios brancos, entrou pela porta de ferro com um prato de comida na mão.

-oh, você acordou!-

Deixando o prato no chão ele anda em minha direção e se ajoelha no chão ficando junto a mim, ainda calada e com medo me arrastei para longe me grudando na parede, ele falou para eu não ficar com medo, depois ele se levanta puxando a cadeira para perto da cama.

-Quem é você e o que eu estou fazendo aqui?-

Perguntei me sentando e pondo a mão em minha cabeça que estava doendo e cheia de sangue na parte da dor. O homem começou a me contar como eu fui parar lá e o que tinha acontecido. Ele disse que eu cai da parte de cima de um estacionamento, mas como não era tão alto não me machuquei, ele viu tudo acontecer mas ele passou tão rápido na correria que ele e todas as pessoas estavam que não ligou, mas quando estava voltando para o seu carro me viu jogada no chão com a cabeça ferida e foi ver se eu estava bem, eu ainda estava respirando então ele me levou para sua casa.

Eu continuei com medo e comecei a implorar para ele me deixar ir embora e não me machucar.

-Não tem para onde ir Beatriz, você tem sorte de estar aqui.- Ele disse

-Como assim?- falei me perguntando como ele sabia meu nome mas ignorei

-Eu salvei sua vida, eu te encontrei na rua, e se eu não tivesse ido te socorrer você estaria morta.-

-Se eu estivesse na rua iam me ver e chamar a ambulância. Eu não estaria morta.-

-Você não entende, ninguém ligaria para você.-

-Porque?-

-Aconteceu um ataque, enorme, não sei o que foi, mas aqui embaixo é seguro.-

-Embaixo de onde?-

-No bunker embaixo da minha fazenda, a alguns quilômetros da cidade.-

Acenti com a cabeça e fiquei calada por um curto período de tempo, agradei por ele ter me salvado mas falei que era melhor eu ir para um hospital, levemente irritado se levantando ele diz que eu não poderia sair, repete novamente que aconteceu um ataque, que polui o ar e isso deixava as pessoas descontroladas e com uma aparência estranha, concordei e pedi para poder falar com a minha família pra falar que estava bem e perguntar como eles estavam, mas ele negou falando que todos fora do bunker onde estávamos estavam mortos. Ele é interrompido por um barulho muito alto, pergunto quem era ignora pedindo licença e saindo em seguida, ignorei e depois de um tempo eu dormi.

Quando eu acordei, saí do quarto e me assusto ao ver um homem deitado num colchão no meio de prateleiras cheia de coisas e comidas, ele parecia ter minha idade (24, 25 anos), tinha um cabelo meio grande e uma barba também, pergunto

a quanto tempo ele estava lá em baixo e ele disse que fazia uns dois dias, mas era difícil dizer já que o lugar não tinha nenhuma janela, muito assustada perguntei como a gente saia daquele lugar, ele em duvida me perguntou se o homem, não tinha me contado sobre o ataque, ele disse que sair de lá iria ser a última coisa que eu iria querer por causa do ar contaminado.

-Vi que conheceu o Pedro.- Diz o homem chegando no corredor

-O que aconteceu com ele?- perguntei com a mesma cara de assustada

-Eu achei ele pedindo carona no meio da estrada vindo para cá, no mesmo dia que trouxe você.- Respondeu.- Afinal, meu nome é Hemet. Vamos, está na hora de comer.- ele vira de costas e vai andando, pedro se levanta e segue o homem e eu vou por último, ele faz um pequeno tour pelo o lugar, até que era bonito, mas mesmo assim, estava desconfiada, não é possível que teve um ataque, não é possível que o Pedro acredita em tudo que ele disse.

Depois de comer me levantei da mesa e Hemete falou que eu poderia sentar no sofá, fui indo em direção a ele mas atrás do sofá tinha uma estante com livros e passei bem devagar por ela olhando os livros que tinham ali.

-São da elizabeth.- falou o homem

-Quem é Elizabeth?-

-É minha filha, a mãe dela quis ir para outro país com ela, mas a gente estava brigado então não fui.-

Eu ouvi um zunido e ele falou que não era pra eu me preocupar que era apenas a bomba que ventilava o ar.

Depois de um tempo vou para o meu quarto, Pedro entra para me entregar revista de jogos para eu passar meu tempo, me entrega falando que já tinha feito alguns dos jogos e em seguida senta do meu lado na cama. Ele começa a falar sobre as revistas, mas eu não respondo então ele fica quieto por alguns segundos até eu perguntar o que ele sabia sobre o Hemete.

-Eu só sei que ele trabalhava na marinha, só isso.- ele responde minha pergunta

-E você sabe porque ele veio para cá?-

-Não sei direito, eu acho que quando ele teve uma filha ele quis vir para cá ter uma vida mais em paz com ela. Mas ele também ia trabalhar com isso porque não tinha como ele viver sem dinheiro, então ele me contratou para ajudar.-

-Pensei que ele tinha te “resgatado” na rua vindo para cá.-

-Não ele não me achou na rua, na verdade sim, mas antes disso ele já me conhecia. Aliás ele me pediu para ajudar ele a construir isso aqui, foi pouco tempo depois de ele ter tido a filha dele, quando perguntei porque ele queria construir isso ele me disse que esperava um ataque, e queria manter sua família protegida.-

-Então ele meio que “previu” o que iria acontecer.-

-É, ele gastou todo seu dinheiro nisso, como se a vida dependesse desse lugar.-

-Então ele pensou em tudo isso enquanto construía esse bunker, e agora diz que o ar está contaminado e todo mundo morreu.-

-É, mas, não foi só isso.-

-Hemete me sequestrou, eu estava bem, em poucos minutos eu estaria bem, e, não me lembro de ter caído, só lembro que doeu, mas ele disse que eu posso ter bati a cabeça muito forte e não lembrar de muito, mas eu não acredito.

-Não, não, o Hemete não estaria mentindo sobre o ataque, e os porcos, os porcos da fazenda estavam mortos, você não viu, é uma prova de que realmente aconteceu.-

-Porcos mortos na fazenda não é sinal de um ataque, depois de 3 dias sem comer eles devem ter morrido de fome. E, eu ouvi um carro, um zunido de carro na hora em que a gente almoçou, tem gente viva e esse ataque provavelmente não aconteceu.-

-Mas não é possível o ar...-

-Tá contaminado?! Como você sabe disso...-

-Porque eu contei para ele.- Diz Hemete aparecendo na porta me interrompendo, anunciando que o jantar ficou pronto.

Vamos para a mesa de jantar e nos sentamos, todos em um silêncio constrangedor, Hemete pega um molho de chaves onde havia um abridor de garrafa, abre uma cerveja e devolve as chaves para o lado da calça, quebrando o silêncio ele pergunta como estava o hambúrguer, e com a voz meio travada

respondo que estava bom, em seguida ele fala que era bom na cozinha, mas não ótimo.

-A Elizabeth sabia cozinhar.- Ele diz olhando para o lado da cozinha. Todos ficam em silêncio novamente e continuam a comer.

Pedro começa a falar de quantas coisas queria fazer se soubesse se isso tudo fosse acontecer, ele falava muitas coisas engraçadas então eu ria baixo e discretamente, pouco tempo depois Hemete reclama do quanto que ele está falando, e todos nós voltamos a comer no silêncio, quando peço a pimenta e sem querer acabo encostando na mão de Pedro e Hemete fica muito irritado, e essa era a intenção, quando ele se levanta para brigar comigo eu me levanto junto na intenção de tentar pegar as chaves do lado de sua calça, gritando comigo ele pede para eu pedir desculpas por tocar em Pedro então com medo eu peço, e ele se senta novamente, e eu consegui pegar o que eu queria.

Hemete percebe a falta de suas chaves, e logo em seguida eu ouço um barulho de carro de novo, pegou a garrafa de cerveja vazia e quebro na cara de Hemete e saio correndo para a porta da saída, com a chave abro a primeira porta e a tranco, Heme chega antes de abrir a segunda. Pelo vidro eu vejo um carro com farol aceso e alguém gritando, Hemete gritava pela a janela da primeira porta pedindo para eu não abrir a porta.

“Sabia que era mentira, sabia que o ar não estava contaminado” Pensei e logo comecei a abrir a fechadura da segunda porta quando de repente uma mulher com a pele cheia de bolhas vermelhas aparece no vidro.

-Abra a porta, por favor. Aquilo mal me tocou, por favor, eu não estou contaminada, eu vou ficar boa.- Dizia a mulher cada vez mais desesperada e eu afastada encostada da porta trancada vendo a mulher bater com muita força sua cabeça no vidro, até ela morrer.

Em meu quarto sentada na cama olhando pro nada, inacreditada ficava pensando, era mesmo tudo verdade, realmente houve um ataque e as pessoas realmente morreram. Não pude acreditar que quase saí, parecia tudo tão falso.

Um tempo depois Hemete entra no meu quarto com uma pilha de roupas na mão, a coloca do meu lado e vai trocar a lâmpada do quarto enquanto fala.

-Fui eu que te empurrei...- faz uma pausa e eu olho para ele- Me desculpa, você estava no meio de muitas pessoas parada na borda do topo do estacionamento, esbarrei em você, estava com muita pressa para parar e te ajudar, quando estava voltando para o carro te vi no chão e me senti culpado, não era um lugar muito alto então você não se machucou tanto, foi um acidente mais foi culpa minha.

Ficou tudo em silêncio até Hemete falar para eu tomar banho e usa as roupas que ele tinha deixado na minha cama falando logo em seguida que as roupas eram da Elizabeth.

Quando sai do banho Pedro estava colocando a mesa enquanto Hemete fazia a comida. A comida ficou pronta e todos sentaram à mesa.

Depois de comermos Pedro foi se deitar e Hemete traz uma mochila, a minha mochila, ele falou que trouxe junto comigo. Peguei meu caderno onde havia desenhos meus, Hemete vai no seu quarto e volta com um livro e puxa uma foto de uma menina, ela tinha cabelos castanhos e olhos escuros quase pretos, usava uma blusa azul de flores e um brinco de joaninha meio comprido, ele disse que era a Elizabeth, sua filha, disse que ela sonhava em ser artista.

Dias se passaram e todos nós começamos a ficar próximos, quase todos os dias jogávamos jogos, assistíamos a filmes e cozinhamos juntos, até começamos a montar um quebra cabeça.

Comecei a decorar meu quarto com coisas que Hemete falou que eu podia usar. Agora meu quarto estava mais a minha cara, tinha um abajur bonito do lado do colchão, em uma ponta avião caixas que eu usei como estante para colocar livros, gibis, e revistas de jogos que tinham na casa. Colei nas paredes recortes de revistas que eu tinha pego, como cães, comidas e colagens que eu fiz de coisas com outras. Pedro também tinha decorado seu cantinho atrás das prateleiras do corredor na frente do meu quarto.

Um dia eu e Pedro estávamos na sala, eu estava fazendo desenhos nas folhas vazias de meu caderno, e Pedro estava terminando o quebra cabeça, quando ouvimos um barulho muito estranho vindo de fora quando chega Hemete, e nós perguntamos o que era.

-Devem ser os atacadores, os causadores dessa confusão, procurando algum sinal de vida.- Fala Hemete.

De repente luzes que ficavam na parede colada ao teto começaram a piscar e fazer um barulho baixo de sirene.

Hemete falou que eram as bombas que filtravam o ar, e quando a sirene tocava queria dizer que as bombas pararam. Ele tentou abrir uma portinha no teto onde ficava o botão da bomba, mas estava emperrada. Tinha outra entrada para os botões da bomba. Os dutos de ventilação. Como eu era menor então tive que ir.

-Ninguém pode te ajudar se ficar presa, então, não fique presa.- diz Hemete me entregando uma lanterna.

Começo a andar pelos tubos da ventilação, vou reto e entro na primeira virada, ouço Hemete perguntar se consegui e falei que era um lugar sem saída, então ele disse para eu subir, então assim eu fiz.

Quando subi caí eu uma pequena sala onde só tinha uma mesa no meio com um monte de papel em cima e jogados no chão, uma escada que levava provavelmente para uma segunda saída, porque era bem iluminada, e a bomba. Liguei e desliguei duas vezes como Hemete tinha dito, e a bomba voltou a funcionar.

Curiosa fui ver o que tinha na escada então subi, era uma escada de mão e não tinha tipo uma sala apenas a escada e em cima uma porta no teto, estava trancada por um cadeado, nela havia um vidro com uma “portinha” que fechava ela, fiquei

olhando o céu azul por um tempo até perceber um arranhão no vidro, arrastei a portinha que fechava metade do vidro e estava escrito.
“SOCORRO”

No fim da palavra havia manchas de sangue. Fiquei assustada e desci as escadas novamente e sinto alguma coisa no meu pé, abaixo e pego a coisa, fico olhando por muito pouco tempo mas sabia que já tinha visto em algum lugar.

Algum tempo depois eu estou com Pedro, conto pra ele tudo o que eu vi lá, levo ele para o quarto de Hemete e mostro para o Pedro a foto de Elizabeth.

-Mas essa não é a filha dele, ela é uma garota que estudava na minha escola. Ela desapareceu, ficou desaparecida por muito tempo e depois foi dada como morta.- fala Pedro.

-Mas Hemete me mostrou essa foto para mim. Ele disse que era sua filha. Falou na minha cara que era sua filha.- Eu acho que ele fez coisas ruins com ela.- Falo em seguida.

Nós paramos de falar e devolvemos tudo ao ouvir Hemete.

Um tempo depois estava no meu quarto folheando algumas das revistas em que eu desenhava roupas nas pessoas, e Pedro sentado no seu canto. Quando chego em uma das páginas das revistas e tenho uma ideia incrível, vou falar com Pedro e mostro a página para ele, nela eu tinha desenhado uma roupa de proteção com uma máscara. Dei ideia para nós construirmos uma daquelas, ele concordou e logo começamos a planejar como iríamos fazer.

Pegamos coisas que tinham na casa: tesoura, fita, agulha e linha. Mas faltava o tecido, precisávamos de uma coisa tipo plástico, e pensamos na cortina do chuveiro que ficava no quarto de Hemete onde era o único banheiro do lugar. Sabíamos que ele iria perceber que a cortina sumiu.

-Hemete...- fala Pedro chegando na sala onde estava apenas Hemete vendo tv.- Eu estava pensando. Quando a Beatriz foi na bomba, no lugar onde é filtrado o ar, algum tipo de coisa deve ter se juntado a ela, mesmo ela tendo tomado banho, os primeiros lugares que ela tocou também podem ter sido contaminados, tipo, a cortina do seu banheiro, no seu quarto.- Hemete já tinha pausado o filme para prestar atenção e ficou pensando naquilo sem dar nenhuma resposta.

-Enfim, só fiquei pensando.- Pedro fala e sai da sala.

Hemete despausa o filme, mas poucos segundos depois pausa novamente e vai jogar a cortina no lixo que tinha.

Tudo havia acontecido de acordo com o plano, eles tinham conseguido a cortina.

Pegaram de um livro que havia no Bunker um tutorial de como fazer uma máscara de gás com garrafa e outras coisas.

A gente começou a fazer, era uma coisa que ia demorar horas e durou alguns dias porque tínhamos que esconder tudo do Hemete quando ele chegava no quarto, mas eles finalmente já tinham praticamente acabado, só tinham que colocar em alguém, passar a fita para fechar e sair daquele lugar.

Eles estavam conversando no cantinho do corredor quando Hemete chamou os dois para ajudar em uma coisa.

-Preciso que vocês me ajudem a levar isso para o meu quarto.- Diz Hemete na frente de um barril

-O que é isso.- Eu perguntei

-É um barril.

-Sim mas o que tem dentro.

-Só me ajudem.

Carregamos o barril até o quarto de Hemete, ele colocava luvas e logo em seguida abria o barril.

-Aqui dentro tem um dos ácidos mais fortes do mundo, ele pode decompor tudo em minutos, já uma pessoa, derrete até os ossos.- Ele falava enquanto terminava de abrir.

- E porque está nos mostrando isso?- Pergunta Pedro

Ele nos olhou com cara de desprezo, falando que nós sabíamos o porquê, e nós sabíamos, mas tentávamos disfarçar para não acontecer nada. Ele se vira e pega a fita, a tesoura e a agulha que nós usávamos para fazer a roupa.

-Para derreter lixo.- Disse Hemete falando o para que iria usar aquilo. Eu e Pedro olhamos para ele inacreditados.

- Vou dar mais uma chance para vocês falarem o que estavam planejando.- Ele falava enquanto jogava as coisas dentro do barril de ácido.

- Fui eu !- Respondeu Pedro rapidamente. - Eu queria sua arma então tentei fazer algo parecido. Ela não sabia de nada. Me desculpa Hemete.

-Eu te desculpo.- Hemete responde e num gesto rápido puxa sua arma e dá um tiro em Pedro.

Eu fiquei muito assustada por ter visto Hemete o matar e por tudo ter acontecido tão rápido.

Devagar me afastava para o canto do quarto.

Hemete veio me agarrar para me tirar de lá falando que não precisava ver o resto.

No dia seguinte eu não queria mais ficar lá então tentei terminar a roupa.

Ela estava pronta, só faltava vestir e sair de lá, mas Hemete apareceu, por sorte consegui esconder tudo a tempo debaixo do colchão.

Quando ele estava indo embora viu um pedaço da roupa embaixo do colchão e pediu para me levantar. Quando perguntei o porquê, ele agarrou meus cabelos e me jogou para longe, consegui sair rápido e o trancar lá dentro.

Fui correndo em seu quarto pegar um spray que congela as coisas para abrir o cadeado. Em uma banheira estava o corpo de Pedro com parte do ácido, ele estava meio derretido.

Estava quase saindo do quarto quando ele apareceu.

-Eu salvo a sua vida e é assim que você retribui, me abandonando?!- Diz Hemete

-Não. É assim.-

Derramo o ácido no chão fazendo Hemete cair em cima dele. O ácido pega em um dos fios de uma luminária fazendo a entrada do quarto de Hemete pegar fogo.

Volto para pegar a minha roupa e ir para a saída, mas ele aparece em minha frente tapando a passagem já que era um corredor, Hemete estava com a lateral no lado e parte da frente derretida por causa do ácido.

Derrubo as prateleiras em cima dele para eu passar e ele não conseguir se mexer por um tempo.

O fogo já tinha se espalhado por todo o banker.

Amarro uma das partes da roupa que eu fiz em meu pé esquerdo e subo no mesmo tubo de ventilação que eu entrei para consertar o ar. Quando estou quase subindo

uma faca perfura as ventilações, espero um tempo e continuo me rastejando pelo tubo.

Quando estou subindo sinto uma mão segurar meu pé por um dos buracos da ventilação, o empurro e termino de subir.

Eu estava na frente da porta no teto, já tinha colocado a roupa e a máscara, tacava o congelante e com a mesma lata batia para quebrar. Usava toda a minha força mas não abria, taquei mais congelante e batia mais.

Até que abriu.

Saí e o mundo parecia normal.

Sorri muito feliz, mas fui correndo para o carro que tinha lá fora. Entrei na esperança de encontrar a chave, não achei, quando fui sair arrastei a minha calça em uma parte afiada do carro fazendo ela rasgar. Rapidamente usei um outro pedaço inútil da roupa para cobrir e usei um pouco da fita que sobrou.

Ouvi um barulho estranho vindo do banker, corri para um mini celeiro para me esconder.

Estava um cheiro horrível, e quando olhei um pouco tinha um corpo. Já estava quase completamente decomposto, era a Elizabeth.

Olhei por uma fresta do celeiro, e não muito tempo depois tudo explodiu.

Saí do celeiro porque tinha visto outro carro, estava bem longe, então corri até lá.

Estava ouvindo um barulho, e quando eu olhei para o céu, vi pássaros, achei que eu estava ficando maluca, o ar estava contaminado, nem os pássaros podiam viver.

Tirei a máscara, e nada aconteceu.

Entre no carro e enquanto dirigia para algum lugar procurava algum sinal de rádio, mas estavam todos com chiado.

Até que um falou.

-Quem estiver aí, venha para Brigers, rua 17 casa 20.-

Ficou repetindo muitas vezes e depois parou.

Havia um mapa no porta luvas e estava marcado onde eu estava. Brigers 17, 21.

Quando eu acordei...

Estava no Hospital, olhei para o lado e minha mãe rezava, do outro, meu pai chorava, estava sentindo uma dor muito forte na cabeça.